



Michel Henry, leitor da Bíblia: um ensaio teopoético¹

Michel Henry, reader of the Bible: a theo poetic essay

Carlos J. Hernández²

Karin H. K. Wondracek³

Propomos uma abordagem teopoética, sem muitas referências bibliográficas explícitas, pois foi no arder do peito que os textos de Michel Henry, especialmente *Eu sou a Verdade* e *Palavras de Cristo*, ressoaram em nós. *Arder do peito* remete ao encontro dos discípulos de Emaús com o Ressuscitado⁴, para sinalizar o impacto das Suas palavras nas suas carnes.

A pintura da Ceia de Emaús emoldurava a sala de jantar da casa de Michel Henry⁵, lugar de muitos diálogos com seus visitantes, nos quais certamente também os textos bíblicos eram degustados e ganharam novas impressões e feições.

Há diferentes maneiras de aproximar-se da Bíblia, e não cabe nesse espaço esmiuçá-las. Um dos aspectos que nos atrai em Michel Henry é a referência profunda e constante a seus textos. Essa menção não se dá apenas em seus últimos livros, mas percorre toda a sua obra, algo como uma melodia de fundo de seu pensamento.

1 Recebido em 25 de março de 2022. Aceito em 13 de agosto de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

2 Médico pela Universidade Nacional de Córdoba, Doutor em Psiquiatria pela Universidade de Cuyo, Mendoza, publicada com o título *La reflexión filosófica-teológica y el ejercicio clínico como actividades complementarias en la práctica psiquiátrica: una interpretación del pensamiento para la psiquiatría* del Profesor Doctor Juan Ramón Sepich-Lange (2008). Professor aposentado da Universidade de Misiones, Posadas. Membro honorário do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos - CPPC, Membro da Comunidade “Leamos la Biblia”. Colaborador da *Bíblia de Estudo Conselheira*, da Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. Autor, entre outros, de *O sagrado e a terapia* (CPPC, 1990) e *Leiamos a Bíblia: guia para leitura meditativa* (Grafar, 2015). Contato: carlosjosehernandez70@gmail.com

3 Psicóloga e psicanalista, Doutora em Teologia pela Faculdades EST com pesquisa sobre a contribuição de Michel Henry para a clínica. Membro da Comunidade “Leamos la Biblia”. Professora pesquisadora associada na EST, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica em Porto Alegre e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos. Autora com Carlos Hernandez de *Aprendendo a lidar com crises* (Grafar, 2015), entre outros. Colaboradora da *Bíblia de Estudo Conselheira*. Contato: karinkw@gmail.com

4 Lucas 24.13-35.

5 Comunicação verbal de Florinda Martins, a quem agradecemos o acompanhamento de nosso percurso em Henry, em tantos momentos.



Não se trata de considerar a Henry como um “seguidor devoto” da Bíblia, mas que, ao ler a Bíblia, ele não pode escapar da imanência de um fenômeno sagrado. É essa leitura, talvez originada em uma inquietude intelectual, e que por outra parte contém a mais condensada densidade da realidade, que é “recebida” como surgindo da brecha entre a dimensão visível e a invisível.

É assim que o texto, inspirado para nós, tem uma gramática fenomenológica que se manifesta no invisível da subjetividade do Self (do si mesmo) que se torna impossível desconhecer. E, tampouco, enunciá-lo com clareza pelo Eu autônomo. Em outras palavras, na duplicidade do aparecer proposto por Henry, a Bíblia impressiona tanto o Si dado na passibilidade como o Ego do “Eu posso”. Portanto, a leitura e sua compreensão devem ser postas nesse umbral entre o passível e o possível, entre a impressão e a representação.

Na primeira abordagem às leituras bíblicas de Michel Henry escutamos dois temas nesta melodia, e recentemente acrescentamos mais alguns:

Michel Henry, leitor da descrição do idólatra

A pergunta aqui é: por que Michel Henry lê a Bíblia? Gostaríamos de traçar uma hipótese: ele a lê porque a Bíblia descreve com máxima precisão os danos que o ídolo causa à vida. É nesse sentido que poderíamos dizer que o Livro Sagrado é uma narrativa anti-idolátrica, antimonismo ontológico, antirrepresentabilidade como prova do real.⁶ Trata-se de um texto que descreve claramente o equívoco de uma ideologia que busca manipular o absoluto do Mistério.

Ídolos são construções ou representações mentais nas quais o sujeito projeta seu mundo imaginário. São elaborações que carecem de vida, mas que, ao desviarem a atenção do sujeito, perturbam seu livre fluxo. O sujeito é afetado em sua interioridade pelo vazio deixado pelo ídolo, desconectando-o da familiaridade do vital. Em consequência, o sujeito se sente só, sua falta de proteção é vivenciada como medo.

Esta descrição do ídolo tem a intenção de mostrar a divisão do Eu autônomo: a Bíblia descreve a lacuna entre o artesão que fabrica (constrói) diversas ferramentas de madeira, metal ou pedra – elementos que cuidam da vida – e o mesmo artesão que constrói um ídolo diante do qual

⁶ Para a compreensão dos conceitos henryanos envolvidos, sugere-se consultar o Glossário Vivo, Anexo B de nossa tese. WONDRAČEK, K. H. K. *Ser nascido na vida: a contribuição da fenomenologia da vida de Michel Henry para a clínica*. Tese (Doutorado) – São Leopoldo, EST, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/158>.



se curva. A narrativa sagrada visa distinguir esses dois momentos, iluminando duas atitudes diferentes de construção.

As diferentes atitudes na construção ilustram as diferenças na interioridade do eu, com múltiplos exemplos. Não haverá problemas com o jarro, a lâmpada ou a mesa, mas, por outro lado, surgem dificuldades com a espada, a lança e a carruagem, principalmente quando se apossam dos que os recebem. O Eu autônomo começa a idolatrar seu próprio poder, e a partir disso seu culto busca manipular deuses para garantir sucesso. Desta forma, esquece-se que o seu poder lhe foi doado como si na passibilidade, esquecimento que acarreta o que Henry chama de ilusão transcendental do ego.

A mesma dificuldade acontece no campo da ciência. Citaremos como exemplo os dois momentos da magistral descoberta de Wirchow: a primeira quando apresenta o agente causador da sífilis e a segunda quando afirma “derrotamos a doença para sempre”.

Aqui, como no artesão, o cientista continua movido pela inércia do primeiro movimento, sem perceber que a descoberta passa a ser ideologia. Forma de pensar que na medicina perdura até os dias de hoje, colocando a evidência como eixo do comportamento médico.

As ilustrações querem sublinhar que, na narrativa bíblica, a crítica ao ídolo ou à representação não implica a anulação da capacidade inventiva do ser humano. Justamente nessa habilidade destaca-se a capacidade da ferramenta de cuidar da vida, mas, no segundo caso, do risco de passar a manipulá-la.

O que define esse risco é a insistência em transferir o conhecimento particular e concreto, alcançado na descoberta científica, para um plano geral abstrato. Nesse processo, surge a ideologia, como conhecimento que se regula de forma autônoma. Portanto, não é um conhecimento que leve em conta, por exemplo, a natureza heterônoma dos valores. A ideologia, então, pressiona a autoexpressão pessoal, original e irrepetível da vida. É essa pressão do geral para o particular/pessoal que torna a carne inquieta. O que eu “ouço” em minha carne, experimento como medo. Sentimento dos tempos bíblicos e dos tempos de laboratório, que pode trazer a tentação de controlar todos os fenômenos e, com isso, ultrapassar o campo do acontecer.

A compreensão desse fenômeno da narrativa bíblica pode ter importância decisiva no diálogo entre fé e ciência. Pois as narrativas bíblicas mostram os eventos catastróficos gerados pela presunção do Eu autônomo e os sucessivos aprendizados de descentralização perante o Mistério. Da mesma forma, os leitores destas narrativas, como Michel Henry, alertam para o



transbordamento da atividade científica para o saber totalitário que se espalha nos “átrios tecnocientíficos” dos atuais ídolos.

Segundo a Bíblia, a gravidade do comportamento idólatra não é tanto que “eles/os ídolos” não dão nada em troca, mas reside nos obstáculos que trazem ao desenvolvimento natural da vida. Esses obstáculos sempre se manifestam com uma crueldade que o indivíduo sofre e faz sofrer. Em decorrência, o comportamento contemporâneo da tecnociência adquire conotações de barbárie, tema caro a Henry. No entanto, a narrativa bíblica continuará a revelar a iniciativa da Vida que escapa pelas rachaduras nos erros mais sofisticados desses empreendimentos autônomos. O “resto”, o “remanescente”, o “broto” aludem à sutil vitalidade da vida nessa narrativa.

Michel Henry mostra a falseabilidade dessas construções fantasiosas do Eu autônomo e convida a voltar a atenção à passibilidade do si que nos é doado. Nos seus escritos ressoa aqui e ali o comentário paulino “Que tens tu que não tenhas recebido?” (I Cor. 4,7).

Michel Henry, leitor da Palavra que é revelação

Até aqui apontamos que a leitura da Bíblia fornece a Henry elementos para realizar sua crítica ao monismo ontológico, que corresponde ao primeiro momento de sua teoria. Na sequência, trazemos a hipótese de que a história bíblica que nosso autor lê destacará uma Palavra que é “ouvida” dentro de um “mau tempo” filosófico causado por um pensamento obsessivo do Eu autônomo. Dois elementos se destacam em sua observação da narrativa bíblica:

Primeiro, a passividade do sujeito receptor da Palavra (a carne impactada pela Palavra), a constituição do sujeito na expectativa que o Verbo traz do Filho gerado (o Arquifilho). Essa passividade surgirá das metáforas que a narrativa bíblica utiliza: “descanso”, “pavio fumegante”, “raiz da terra seca”, “árvore derrubada”. Todas elas são figuras de um sujeito endossado, um sujeito derrotado que sente nele a realidade da vida apesar do sofrimento e ameaça de morte. Vida que se prova, mesmo na vida como dor. Modalização possível, biologia da ressurreição⁷ acontecendo, como já expressamos.

Em outras palavras, a Bíblia revelará o engrama oculto da vida que resiste a toda manipulação pelo poder do Eu autônomo. Vida que escapa ao plano da narrativa, “descansando

⁷ Cf. HERNÁNDEZ, C. “Creio na ressurreição do corpo...e na comunhão dos santos”. In: HOCH, L. C.; WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal; EST; FAPERGS, 2006.



esperançosamente na carne” (At. 2,26). Algo como a vida escapando dos parâmetros (limites) do laboratório tecnicista. Ou, como expressa Florinda Martins na Apresentação do livro *Senhor, só tu o sabes*: “Em linguagem fenomenológica, diria que o reenvio do texto bíblico para a realidade subjacente ao osso ressequido [do texto a respeito do Vale dos ossos secos] é equivalente ao reenvio do esvaecimento das nossas formas culturais à fenomenalidade do invisível que as suporta e, por conseguinte, as pode restaurar”.⁸

Segundo: esse clima de recepção da Palavra é vivenciado pelo sujeito como medo, até como sentimento de ameaça da vida. A narrativa bíblica insistirá que no início dessa emoção incômoda haverá uma experiência de fracasso. Derrota dos sistemas defensivos do pensamento do Eu autônomo.

Na narrativa de Emaús, essa derrota aparece no modo como os discípulos sentem a morte de Jesus como fracasso de todas as expectativas anteriores de triunfo e vitória, a modo de suas próprias representações do que isso significaria. Voltam acabrunhados e derrotados para sua casa, para um luto pelo imaginário não cumprido pelo Messias.

Na sequência, se dá a prova da vida, quase de modo paradoxal: é na imersão do sujeito a céu aberto, na derrota, no fracasso que o sujeito experimenta que está vivo! Experiência que produz uma alegria crescente e perturbadora. É neste evento que a revelação acontece, pela acolhida dada ao estranho que começa a caminhar com eles.

Pois foi nesse caminhar conjunto que contam a ele sobre o fracasso de seus sonhos de poder e autonomia. Nesse momento uma nova palavra proferida pelo estranho lhes chega. Perpassando as narrativas conhecidas, aos poucos as ressignifica e perfura o imaginário da derrota. Mas não é na compreensão intelectual que se dá o reconhecimento da Palavra da Vida. Será na carne, no “arder do peito” que somente *a posteriori* será levado em conta.

A carne já estava sendo iluminada pelo Espírito, pela singular Palavra de Cristo, como expressa Henry, diferente de todas as palavras quando fala de si. É o próprio Logos encarnado e ressurreto que se dá na partilha com os caminhantes. Aos poucos, a Palavra de Cristo nasce e gera neles a filiação e a esperança.

A certeza será vivida no movimento das cordas vocais que celebram a nova palavra de reconhecimento do Mestre ressurreto, para afirmar que a vida continua. É o novo vocabulário no

⁸ MARTINS, Florinda. Apresentação. In: WONDRACEK, Merton. *Senhor, só tu o sabes*: Reflexões a partir de duas charlas de Carlos Hernández. Joinville: Grafar, 2022.



qual se desenvolve a automanifestação da vida, como expressão de uma nova “geração do Filho”, como Henry retoma de Meister Eckhart. Acabou a distância que o Eu autônomo tentou colocar entre o Si doado e as construções idolátricas imaginárias, geradoras de tantas obsessões, acabou! O sujeito experimenta que essa distância foi percorrida pelo Filho do Pai, e nisso experimenta a imensidão do alívio!

Michel Henry, homem lido pela Bíblia

Ao retomarmos o tema para a escrita atual, notamos certa diferença entre nós e o texto produzido anteriormente. Optamos por deixar os registros todos, pois indicam o percurso de nossa própria escuta, tanto de Henry como das Escrituras.

Como participantes há 25 anos de um grupo de leitores da Bíblia⁹, temos observado em nosso ser as transformações ocasionadas pela leitura devocional diária. O contato com a Palavra do Verbo da Vida modificou nossa carne, que se tornou mais sensível para a Presença Espiritual, seja nas situações cotidianas, seja nas leituras e reflexões.

Esse percurso também influenciou a percepção da leitura henryana da Bíblia. Queremos trazer a hipótese de que Michel Henry não apenas lê a Bíblia, mas é lido por ela, naquilo que ele próprio chamou de passibilidade do si. Se a vida vem a nós como doação, também a leitura henryana da Bíblia atinge sua profundidade na intimidade da recepção. Tal como Meister Eckhart expressa, a palavra nasce, tece nossa carne e nos traz a certeza da filiação.

Henry mostra nas entrelinhas a emoção despertada por suas leituras da Palavra Viva. Sua escrita revela o arrependimento da soberba da filosofia, em benefício de uma intimidade crescente, deixando-se impactar pelos movimentos *kenóticos* que paradoxalmente conduzem para baixo, para de lá contemplar ainda mais profundamente a riqueza da sabedoria que se fez carne e habitou entre nós. O lugar do acadêmico é descartado para ocupar o lugar do ser humano comum (Fil. 2).

O duplo movimento de ler a Bíblia e ser lido por ela se dá longe das ideias claras e certezas pétreas. É realizada na obscuridade do dia ainda por nascer: temos uma absoluta incapacidade de saber se Deus nos responderá após nossa “intenção” de abrir a Palavra para lê-la! A leitura bíblica

⁹ Grupo “Leamos”, que reúne pessoas de diferentes confissões em torno da leitura diária da Bíblia e suas influências no crescimento pessoal. Segue-se o calendário elaborado por Carlos Hernández. Cf. *Leiamos a Bíblia*: Guia para leitura meditativa. Joinville: Grafar, 2015. Para a história e objetivos do Grupo “Leamos” cf. WONDRACEK, Merton, 2022.



convida-se a ser feita na semiescuridão da ausência das representações claras, no balbucio de filho e na percepção do ardor do peito na carne doada na Vida.

A partir dali se experimenta o amor incondicional. Amor que se revela também em comunidade, no compromisso de manter uma relação com o outro sempre que for necessário atravessar áreas do Mistério (do invisível), suportando as intempéries que a ausência de pensamento racional implica.

Ressignificando o tema do ídolo, dizemos que, tal como este, provoca no Eu autônomo a ruptura da escuta, e com ela o distanciamento da Palavra da vida. O medo, que conseqüentemente habita o sujeito autônomo, o torna desajeitado consigo mesmo. Se for compelido a sacrifícios, o sangue derramado mostrará a ausência de ternura no tratamento inter e intrapessoal do sujeito.

Mas haverá espaço na narrativa bíblica para o tratamento do medo e do sangue. Vários livros descreverão o sistema sacrificial. O sujeito assistirá a uma pedagogia na qual o animal ofertado, o derramamento de sangue e os odores subsequentes evidenciarão a ausência de vida.

Outros textos concluirão a didática do processo. Na origem da Vida que recebemos, há mais do que uma sequência, há uma geração. Então, mais do que evidência de um sacrifício ritual, trata-se da entrega da vida do Filho, por amor. Significativamente, apenas no partir do pão os discípulos de Emaús reconhecem a carne ressurreta do Filho doador de toda vida. É a convicção desse pensamento que traz a coragem que aplaca o medo e aproxima a ternura com sua outra economia de sangue!

Esse aspecto revigorante da vida será magistralmente descrito por Michel Henry ao analisar a passividade da carne e a adesão ao sofrimento e gozo advindos da doação que a impacta. Isso nada mais será do que “testar” a própria interioridade da autogeração da vida.

A leitura diária repercute na nossa carne que é recriada nesta relação, na intimidade que percorre todo ser. A Palavra se faz carne em nós, refletindo a porosidade da encarnação. Tal como o contato íntimo progressivo de um casal, desperta novas carícias e cria novas texturas nos recônditos da carne.

Michel Henry e a Eucaristia

Por tudo isso consideremos o valor fundante da Eucaristia. Cerimônia sagrada, que desde a própria Vida se instala numa “nova irmandade criada por Jesus Cristo”. É nela que nos



alimentamos e celebramos. Enquanto experimentamos a alegria da comunhão, irrompe em nós uma nova temporalidade, com uma nova batida do coração de carne e osso, típica da Vida.

A emoção é experimentada sem limites, é um fluxo constante característico da vida, possuindo nuances que oscilam entre os extremos do sofrimento e do gozo. A continuidade infinita da emoção oculta o amor incondicional do Pai por seu Filho. A presença do Espírito é a encarnação eucarística permanente do Verbo como antecipação escatológica da Segunda Vinda.

Na Eucaristia se recria a encarnação (*kenosis*) da Palavra, tendo a comunidade como único suporte. É aí que a ipseidade do sujeito volta à origem (do Fiat...). Simultaneamente, a história do mundo implode na dança resplandecente da Trindade.

A Eucaristia é a experiência escatológica como gozo. A evaporação de toda fatalidade. A chegada da satisfação, que a carne sente quando se afirma na proximidade incondicional de Jesus. Tanto na Presença que surge do invisível como no visível que acompanha a revelação.

Presença que remete a nosso início com a Ceia de Emaús, à qual voltamos ao final. A escrita de Michel Henry, permeada pelas suas leituras bíblicas, ilumina a escuridão da noite dos raciocínios e encoraja a não perder a esperança perante a ameaça de novas afrontas à vida. Nas sombras da atual barbárie, somos convidados e convidadas a nos abrigar em suas palavras gestadas em comunhão com a Vida, na Presença daquele que é a própria Vida e Verdade.

Referências

- HERNÁNDEZ, C. “Creio na ressurreição do corpo...e na comunhão dos santos”. In: HOCH, L. C.; WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal; EST; FAPERGS, 2006. p. 85-87.
- MARTINS, Florinda. Apresentação. In: WONDRACEK, Merton. *Senhor, só tu o sabes: reflexões a partir de duas charlas de Carlos Hernández*. Joinville: Grafar, 2022. p.
- WONDRACEK, K. H. K. *Ser nascido na vida: a contribuição da fenomenologia da vida de Michel Henry para a clínica*. Tese (Doutorado) – São Leopoldo, EST, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/158>.